

ANTROPOFAGIA E CANIBALISMO NO JORNAL *O HOMEM DO POVO*

Aurora Cardoso de Quadros
Doutora - UNIMONTES

RESUMO: Este trabalho baseia-se em um ponto da pesquisa que gerou a tese “Oswald de Andrade no jornal *O Homem do Povo*”, selecionando pontos de comparação entre a expressão do crítico Astrojildo Pereira, protegido por pseudônimos, e do modernista Oswald de Andrade, no jornal subversivo *O Homem do Povo* (março-abril de 1931). A descoberta que revela a colaboração substancial do articulista Astrojildo Pereira propicia uma comparação entre o protesto de Oswald de Andrade e o do crítico de literatura, que também é fundador do Partido Comunista no Brasil. Suas elaborações, principalmente sob o pseudônimo “Aurelinio Corvo”, são abordadas em destaque em relação aos outros colaboradores do escritor.

PALAVRAS- CHAVE: Antropofagia; Canibalismo; Jornal *O Homem do Povo*; Oswald de Andrade; Astrojildo Pereira.

ABSTRACT: This study is a snip of the thesis "Oswald de Andrade no jornal “O Homem do Povo”, selecting points of comparison between the expression of Astrojildo Pereira’s critical work (who was protected by pseudonyms), and the modernist Oswald de Andrade, in the subversive newspaper *Homem do Povo* (March – April 1931). The discovery that reveals the substantial cooperation of the article writer Astrojildo Pereira in the newspaper makes possible a comparison of Andrade’s and Pereira’s protests - being the last also a founder of Brazil’s Communist Party. His elaborations, especially under the pseudonym "Aurelinio Corvo" (Aurelino Raven) are greater if compared to Andrade’s other employees.

KEY WORDS: Anthropophagy; Cannibalism; *O Homem do Povo* Newspaper; Oswald de Andrade; Astrojildo Pereira.

ANTROPOFAGIA E CANIBALISMO NO JORNAL *O HOMEM DO POVO*

Oswald de Andrade (1890-1954), no jornal *O Homem do Povo*, fundado por ele em 1931, articula suas questões de subversão política estabelecendo, por meio da linguagem, relações semânticas com a dita “filosofia antropofágica”, presente na linha reflexiva iniciada a partir de 1928. No periódico, o humor e a subversão unem-se à antropofagia, de forma que os três ingredientes, cada qual a seu modo, tornem-se instrumentos na construção da sátira de Oswald de Andrade. O objetivo do periódico é a revolução do proletário, cujas bases marxistas acabavam de ser assimiladas pelo modernista. O processo paródico revelado pela assimilação antropofágica é incrementado por novos ingredientes, acrescidos cooperativamente por outros articulistas, ao lado do “antropófago” Oswald de Andrade. Ressalta-se a parceria do crítico de literatura Astrojildo Pereira (1890-1965), sobretudo quando o mesmo assina no jornal como “Aurelinio Corvo”, produzindo sua crítica de base comunista. Seguindo uma linha canibal, sua expressão, ao mesmo tempo em que se aproxima, guarda algumas distinções da antropofagia. Distinguindo sentidos em torno desses dois articulistas do jornal, este ensaio busca promover um paralelo entre as respectivas formulações.

A antropofagia oswaldiana, aqui tomada como metáfora do processo de politização proposto no jornal *O Homem do Povo*, representa, conforme lembra Benedito Nunes, o divisor político de águas do Modernismo no Brasil (NUNES, 1995). As ideias do jornal misturam preceitos e atitudes, preconizando um ideal de renovação, enquanto utopia. Adotando o viés paródico, resgata expressões que se associam ao apelo para assimilação culta da vida e do outro, lembrando o ritual de devoração do homem pelo homem.

A assimilação antropofágica, vale dizer, no sentido usado por Oswald de Andrade, de filosofia ou modo de ser no mundo, pode residir num substrato sugestivo de um posicionamento crítico, burlão e progressista diante dos fatos. Nesse sentido evolutivo, o primeiro texto do jornal, o editorial “Ordem e Progresso”, dispõe, dentre outras premissas, a orientação que busca a meta de harmonia planetária. O espelhamento no utópico ideal do planeta harmônico revela o modelo soviético:

Admiramos a Rússia actual, pois desordenados ainda, temos que respeitar as casas com escripta. Combateremos pois ao lado da racionalização economica e contra a cabra-cega da producção capitalista. Ordem economica, progresso technico e social. (ANDRADE, in: ANDRADE; GALVÃO, 1984, p. 1)

O Homem do Povo, desse modo inicial, inclui-se como um ensaio em que se arrebatava a metáfora de harmonia global. E, conforme o trecho, a evolução na criação da sua utopia cria um ponto que inter-relaciona o primitivismo do selvagem à técnica do civilizado e, também como em flashes, remete ao “Manifesto Antropófago”, no qual Oswald de Andrade alia a técnica à ideologia da revolução de inspiração primitivista: “Montaigne. O homem natural. Rousseau. Da Revolução Francesa ao Romantismo, á Revolução Bolchevista, á Revolução Surrealista e ao bárbaro tecnizado de Keyserling. Caminhamos” (ANDRADE, 1928, p. 7). A linguagem sintetiza o texto telegráfico. Observa-se a falta de conexões explícitas na escrita de valorização do estágio primitivo do autóctone, não corrompido pela civilização, acrescido dos aparatos técnicos, indispensáveis ao progresso. A proposta é, considerando sua hipótese surreal e seu teor utópico, atar dois pontos da evolução ideal. Por esse tempo, traços da sociedade sonhada pareciam ter sido concretizados pela Revolução Russa, cuja inspiração socialista, na verdade, já era vivenciada pelos primitivos. Seguindo sugestões na tomada antropofágica, outro sentido da sua proposta é a oposição ao servilismo mantido pelo “patriarcado da sociedade civilizada”, criando o matriarcado, sempre às voltas com a metáfora da devoração, postulando mais tarde, em 1950 (ANDRADE, 1995, p.101-147), que: “A ruptura histórica com o mundo matriarcal produziu-se quando o homem deixou de devorar o homem para fazê-lo seu escravo”.

Nesse intermédio está o jornal *O Homem do Povo*. E, ainda que muitos acréscimos à sua *filosofia antropofágica* sejam posteriores ao advento do jornal em questão, várias são as oposições nele construídas a partir da dicotomia antropofagia x messianismo: homem livre x escravo; matriarcado x patriarcado; socialismo x capitalismo; trabalho x ócio; consciência x alienação¹. Para esta última oposição, o protesto “Contra todos os importadores de consciência enlatada” (ANDRADE, 1974, vol. 1, p. 7), do *Manifesto*, traz uma imposição de atitude e crítica. No grito contra o modo acrítico de importação de elementos estrangeiros, subjaz o inverso, o aproveitamento crítico, a seleção que contempla assimilação e rejeição, princípio da antropofagia literária, que inclui a inter-relação de aspectos históricos. Do mesmo modo, as imprecações contra o sistema de importação e exportação presentes em todo o periódico atam os dois momentos de deglutição crítica: o estético e o político. E, como no preceito modernista, a proposta de rapidez e dinamismo que os tempos de então exigem configura-se no periódico, constituindo um dos modos centrais de direcionamento antropofágico de seus artigos e editoriais. Algumas notícias no jornal, ao invés de

¹ Cf. MARX, Karl. **A questão judaica**. São Paulo: Centauro, 2000. Com base nos estudos marxistas, a alienação é vista como a falta de consciência promovida pelo capitalismo, é um estado provocado pelo mascaramento e a naturalização das diferenças sociais.

ampliadas, são construídas por um ou dois períodos. Na seção “Sumário do mundo”, cuja autoria é assumida por Astrojildo Pereira, em carta dirigida ao Partido Comunista (Cf. FEIJÓ, 2001, p. 88), em abril de 1931, existem vários exemplos dessa construção sintética. O estilo lacônico reflete recursos conquistados pelos escritores modernistas, que se apossaram “de todos os meios de expressão que a ciência, a cultura, a psicologia e a técnica modernas propiciavam: a síntese, que aproveitara a velocidade, vencida pelo navio e o telégrafo, o rádio e o avião” (BRITO, 1969, p. 70). Oswald de Andrade, construindo, de modo geral, a referida alegoria do planeta harmônico, traz à luz figuras que giram em torno do comunismo, seus pressupostos e procedimentos, especialmente na imagem que se tinha do sistema implantado na Rússia. A linguagem utilizada dá conta da valoração que distingue comunismo e capitalismo: “É no charco que nasce o lírio; é na derrocada desta sociedade enfermeira que vai caindo aos pedaços pela podridão social, que brotará o comunismo, apesar de tudo, contra tudo!” (ANDRADE, in: ANDRADE; GALVÃO, 1984, p. 6).

Nesse artigo, intitulado “Ideologia criminoso”, na sexta página do sétimo número, sob o pseudônimo “Estalinho”, Oswald de Andrade expõe sua expectativa quanto à conjuntura social, mostrando que, mesmo quando chama a atenção para a ruína, vislumbra a renovação. Para o sistema capitalista, Oswald usa caracterizações depreciativas, referindo-se a uma sociedade “enfermeira”, definindo-a como charco, podridão e ruína. Já para o sistema comunista idealizado, usa imagens como o lírio. Produz então uma macro visão do mundo em ruínas em que microestruturas representam seus aspectos, como é esse caso em que toma o comunismo pela flor do lírio. Representa, assim, a situação política pela metáfora do comunismo brotando da podridão capitalista. Nesse sentido, reforça a metáfora da antropofagia ritual, de devoração da carne valorosa, num posicionamento de valorização das boas imagens, em que pressupõe como leitor o trabalhador, partícipe da sua assimilação.

De forma convergente com tal posicionamento, instalam-se as elaborações de Astrojildo Pereira, reforçando a imagem do trabalhador não mais devorado e, sim, devorador, acrescentando a proposta de sintetizar os temas socioeconômicos e políticos, na orientação de que as notícias do jornal sejam “ruminadas”, incluindo-se a crítica à tradição jornalística da grande imprensa, em que ata também a proposta modernista da síntese ao método do jornal:

Só o burguês ocioso ou indivíduo chumbado pela gota a uma cadeira de balanço, é capaz de ler, pode ler, tem tempo de ler as colunas quilométricas de telegramas que entulham os grandes órgãos de imprensa, como é o caso, por exemplo, do venerando <<O Estado>>. O homem do povo, que trabalha, que sai cedo de casa para a fábrica, a oficina, o escritório, o armazém, só dispõe para tanto dos poucos minutos da viagem de bonde, e o que lhe importa são as notícias rápidas, concisas, concretas. É o que este novo Jornal, que além de novo é

pequeno e não pretende chegar a venerando, vai fazer, nesta página, sumariando em quatro linhas os acontecimentos mundiais da véspera. (PEREIRA, in: ANDRADE; GALVÃO, 1984, n. 7, p. 6)

Essa proposição de Astrojildo Pereira, assinada com o pseudônimo “Aurelinio Corvo”, é o intróito do artigo *A Carne está Gostosa*, considerado em sua natureza nuclear para o jornal, presente na quinta página do seu primeiro número. Mesmo com o estranhamento do título, a leitura do texto, inicialmente, aproxima-se da natureza das elaborações de Oswald de Andrade em *O Homem do Povo*. Aproxima-se também do povo, definindo-se pela simplicidade e descartando a presunção, demonstrando interessar-se pela emancipação do trabalhador, amenizando seu problema da falta de tempo. Para tanto, sua norma inclui a explicitação do modo telegráfico de transmissão, com formato resumido pela necessidade da síntese adequada à vida moderna, explicitando as qualidades de substrato, de essencialidade. Extrair “o suco dos telegramas” sobre fatos gerais torna-se o procedimento para anunciar os acontecimentos do mundo de modo sucinto. Por isso, Astrojildo Pereira, sob o pseudônimo de Aurelinio Corvo, restringe o foco de interesse: “O que a todos nos interessa, ao nosso jornal e aos nossos leitores, são as notícias serias, de natureza economicca, política e social”. (PEREIRA, in: ANDRADE; GALVÃO, 1984, n. 1, p. 5). Dentre essas notícias, ele começa expondo aquelas compostas de “boa matéria”:

Os planos quinquenais sendo realizados em 4 anos.
Os comunistas de Thaelman surrando os nazi de Hitler.
Trezentos mil soldados vermelhos na China soviética (30.000.000 de habitantes) batendo palmo a palmo os bandidos imperialistas.
(PEREIRA, in: ANDRADE; GALVÃO, 1984. 1, p. 5)

Essas proposições, tendo como base o princípio que estabelece o alimento ideal da antropofagia, afiguram-se pela boa iguaria, pela melhor comida, também segundo a ótica de Oswald de Andrade, cuja natureza ensaística converge com essas pontuações de Aurelinio Corvo. Mesclando o ponto de vista da metáfora ritual, a leitura dos procedimentos soviéticos deve ser aproveitada, introjetada, considerando-se saudável a deglutição dos resultados comunistas de então. Nesse ponto, os valores deglutidos seriam aqueles convergentes como o espírito utópico da implantação do socialismo, sendo que seus propagadores adotam a metáfora da devoração cultural como linha teórica, filosófica e metodológica, lembrando a apologia à devoração do Manifesto Antropófago e toda a linha antropofágica. Essa forma de busca de uma orientação assimilativa é seguida por vários pares do modernista, sobretudo na *Revista de Antropofagia* (1929-1929). Como

exemplo, retoma-se dessa um comentário intitulado “Assunto resolvido”. O articulista refuta uma ideia de Luis Bueno Horta Barbosa, o qual, supondo estar defendendo o país, teria negado a existência de índios antropófagos no Brasil. Diante disso, sob o pseudônimo “China”, o ensaísta diz:

Está provado e é geralmente aceita a antropofagia como sendo a comunhão de carne valorosa.

Os índios não comem a carne de seus inimigos ou chefes com intenção gastronômica.

Comem porque pensam mastigar também o valor do comida – comidas voluntários, quase todos –

Por isso o Sr. Horta Barbosa deixe de querer roubar do pobre e já tão espoliado índio o seu maior e melhor patrimônio:

O bom gosto de comer carne humana – carne valorosa. (CHINA, In: *Revista de Antropofagia*, 1928, p. 5.)

Analogamente a “China”, a essência da antropofagia oswaldiana vai buscar nessas bases indígenas sua diretriz imaginária. As referências do valor cultural do antropófago incluem o sentido honroso, inclusive para aquele que é devorado, uma vez que esse é subentendido como indivíduo virtuoso. Esse valor dialoga, por exemplo, com a situação ocorrida no poema “I-Juca-Pirama”, publicado em 1851, em que o chefe timbira, julgando covarde seu prisioneiro tupi, o qual chora antes de ser sacrificado, rejeita-o e, como em Gonçalves Dias, justifica-se: “Ele chorou de covarde;/ Nós outros, fortes Timbiras,/ Só de heróis fazemos pasto” (DIAS, 2001, p. 107). Também na antropofagia preconizada por Oswald de Andrade há o pressuposto das boas virtudes daquilo que é comida. E por enquanto, percebe-se a tangência, do ponto de vista da antropofagia oswaldiana, entre a natureza das elaborações comunistas de Oswald de Andrade e a das de Aurelinio Corvo. O trecho a seguir reforça essa aproximação ao listar os fatos que Aurelinio Corvo rejeita, por considerá-los futilidades do mundo, e indica também aqueles pelos quais o jornal e o leitor devem se interessar:

Os santíssimos espirros do Papa, ou mais uma queda de Cavalo do Príncipe de Gales, ou o sorriso basbaque de M. Doumegue não nos interessam, absolutamente, nem podem interessar a quem tem o que fazer na vida. O que a todos nos interessa, ao nosso Jornal, e aos nossos leitores, são as notícias sérias, de natureza econômica, política e social. (PEREIRA, in: ANDRADE; GALVÃO, 1984. 1, p. 5)

Diante das considerações feitas até este ponto, os elementos se convergem na proposta, de certo modo, antropofágica. Mas a boa matéria, que até então era bem delimitada, modifica-se quando Aurelinio Corvo aponta outra face dos fatos a serem assimilados:

As encencas todas, as tremendas encencas do mundo, na hora presente. As conferências pacifistas para aumento dos armamentos. Mussolini prestes a bancar o Julio Prestes (no mínimo). Nove milhões de operários sem trabalho nos Estados Unidos (com licença do agora chefe Oswald: Hip hip, Hoover!). (PEREIRA, in: ANDRADE; GALVÃO, 1984, n. 1, p. 5)

Nesse fragmento insere novo interesse ideal, as encencas do mundo, cuja natureza diferencia-se do ponto de vista oswaldiano em atitude, linguagem e foco. Mas, embora afirme como boa matéria as encencas do mundo, a atitude seletiva é mantida e incorpora também uma disposição intelectual vigorosa. Como se observa na expressão “*Hip hip, Hoover!*”, o propósito dionisíaco revela a alegria, o entusiasmo e a fruição na leitura das “encencas” do mundo. Nesse momento, a crítica esboça uma revanche na medida em que a dignidade e a rebeldia instalam-se em primazia sobre a miséria e a submissão, fazendo eco com a interpelação oswaldiana “Comecemos, portanto a estrilar”, que incita o trabalhador no artigo “Política das coisas”, na terceira página do número inaugural do jornal. Ambos os articulistas protestam contra a alienação que provoca a subserviência. Acontece que, ao propor que o trabalhador comece a estrilar, Oswald de Andrade produz o sentido de rejeição das encencas do mundo. Daí, ocorre um movimento de vai e vem entre semelhanças e diferenças das referidas expressões. Nos assuntos e temas propostos por Astrojildo como ideais para leitura, estão aglutinadas, de um modo ou de outro, as propriedades observadas na linguagem do jornal. O tom de festejo, na brincadeira que se faz em “(com licença do agora chefe Oswald: Hip hip, Hoover!)”, evidencia valores atribuídos na hierarquia da sua produção. E, no papel do articulista Aurelinio Corvo, pode-se entrever o comunista Astrojildo Pereira em cumplicidade brincalhona com Oswald de Andrade, tomando emprestado o poema que este escreveu em 1928, *Hip! Hip! Hoover!* (ANDRADE, 1991, p. 96). A voz do anti-imperialismo no poema direciona-se à recepção que o então presidente dos Estados Unidos, Herbert Hoover (1874 - 1964), tivera no Brasil.

Aprovando a exposição de fatos políticos importantes e excluindo os acontecimentos considerados banais (espíritos do papa, quedas do príncipe etc.), Astrojildo propicia um ângulo que pode relacionar o jornal com a elaboração sobre a “ruminação” cunhada por Arthur Schopenhauer (1788-1860), que foi a possível inspiração, ao lado de Montaigne, da antropofagia oswaldiana. O alemão diz que “assim como o excesso de alimentação faz mal ao estômago e dessa maneira acaba afetando o corpo todo, também é possível, com excesso de alimento espiritual, sobrecarregar e sufocar o espírito” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 128). E nesse campo de deglutição do artigo do jornal, o humor de Astrojildo instala-se por meio da apreensão do cômico, provocando o clima de festejo, pautado pela ironia e pelo paradoxo na recepção das ideias e relatos das encencas do

mundo. A subversão consiste no ataque ao sistema político oficial dos países capitalistas, ao evidenciar que estes se submetem às nações imperialistas.

Avançando na comparação entre ambos, parece haver no artigo de Astrojildo Pereira mais elementos convergentes com a boa matéria da teoria antropofágica oswaldiana. Mas um ponto de peso que diferencia ambos instala-se no final do artigo *A carniça está gostosa*:

Os comunistas de Thaelmann surrando os nazi de Hitler. (...) O mundo em convulsão. Combustão. Vulcão Revolução.

Tais notícias é que vale a pena a gente ler, refletir sobre elas, ruminar o seu conteúdo. Notícias que estimulam o apetite de estômagos sólidos e saudáveis. Para dentes de homens de povo. Carniça gostosa. (PEREIRA, in: ANDRADE; GALVÃO, 1984)

Aurelinio Corvo define a matéria ideal para o jornal: o podre do mundo. O fragmento evidencia o significado da contradição entre os termos da expressão “carniça gostosa”, mostrando que o gostoso está no prazer da derrota massacrante do inimigo capitalista, de vê-lo transformado em carniça pelas ruínas e fracassos. Gostoso também é senti-lo triturado pelos dentes do homem do povo. Promove-se, como fica claro, uma explicitação progressiva dos significados do título *A carniça está gostosa*, o qual orienta, a partir das encenças, uma “saborosa” ruminação. Diferente da seleção antropofágica, a elaboração traz uma nuance que a aproxima idealmente do canibalismo, tomado na acepção do hábito animal, em contraposição à antropofagia ritual. Nesse sentido, Oswald de Andrade se distingue da elaboração de Aurelinio Corvo, uma vez que as escolhas deste definem outra matéria de abordagem, incluindo entre os interesses ideais do povo, o podre, o lado negro do mundo capitalista. Porém, mostra que mesmo a carniça ideal faz parte de uma consciente seleção, pressupondo que saber da parte “podre” do mundo fortalece o argumento para que o trabalhador se conscientize da necessidade de revolução. Os períodos finais atam-se ao seu início que, antes de apontar para o que vale a pena ler, descarta a leitura quantitativa, porém não substancial, mostrando a falta de tempo do trabalhador para ler os outros jornais, os quais não favorecem ao homem do povo; ao contrário, negligenciam, em suas “colunas quilométricas”, o que a ele interessa. Subentende-se, novamente, um ponto do pensamento de Schopenhauer, com uma formulação interessante para a análise da ruminação preconizada por Aurelinio Corvo. O filósofo alemão expõe aspectos essenciais do processo crítico e seletivo da *ruminação*:

Pois, quanto mais se lê, menor a quantidade de marcas deixadas no espírito pelo que foi lido: ele se torna como um quadro com muitas coisas escritas sobre as outras. Com isso não se chega à ruminação: mas é só por meio dela que nos apropriamos do que foi lido, assim

como as refeições não nos alimentam quando comemos, e sim quando digerimos.
(SCHOPENHAUER, 2009, p. 128)

O trecho opõe a deglutição (leitura) contínua, gulosa, à assimilação seletiva e consciente. Analogamente, Aurelinio Corvo, ao selecionar o foco de interesse pelo que ocorre no mundo, critica a grande quantidade de informações e aponta o caminho para refletir, politizar-se, rever, no ato de “ruminar”, incluindo a importância do pensamento próprio, da reflexão. Para esse rumo, mais uma vez, já havia apontado Schopenhauer:

A pura empiria está para o pensamento como o ato de comer está para a digestão e assimilação. Quando a experiência se vangloria de que somente ela, por meio de suas descobertas, fez progredir o saber humano, é como se a boca quisesse se gabar por sustentar sozinha a existência do corpo. (SCHOPENHAUER, 2009, p. 49).

O ato de ler quantitativamente é comparado, na elaboração de Schopenhauer, ao ato de “comer” e também à mera experiência empírica. A postura ideal seria a ponderação da leitura qualitativa com a experiência vivenciada (e assimilada) pelo pensamento próprio (“ruminação”). E, para Schopenhauer, a experiência está em primazia sobre a leitura, que deve ocupar o tempo restante da vivência cotidiana. Esse pensamento crítico também faz parte da trajetória oswaldiana, podendo ser associado à sua antropofagia, que ele caminha burilando com acréscimos ao modo de posicionar-se e crescer intelectualmente diante de fatos e ideias. Trazendo para o campo particular, ao mesmo tempo pode-se ampliar e aplicar a crítica à pura empiria, rejeitada por Schopenhauer: inerente ao artigo de Astrojildo, pode-se ligar pela semelhança, por exemplo, a autocrítica que Oswald de Andrade faz quando diz que “tinha passado por Londres, de barba, sem perceber Karl Marx” (ANDRADE, 2005, p. 38), ou seja, indicando que a experiência de nada adianta sem aquele contato que favorece sua leitura crítica. De nada vale experimentar sem se adquirir o conhecimento que “vale a pena” ou sem que se alcance a inferência pessoal. Do mesmo modo, a leitura, pura deglutição do outro, de nada adianta sem a atuação do pensamento próprio, livre. É preciso “ruminar”.

Nessa linha de pensamento, com eixo na “ruminação”, volta-se ao último fragmento do artigo, que propõe para as notícias o enfoque na carniça, parte podre do mundo. Essa face, embora em sua substância carniciera resida o ponto que a distingue da antropofagia oswaldiana, traz aproximações com essa filosofia. Seu pressuposto principal encontra-se na proposta de “ruminação”, forma de entender um dos argumentos do jornal, isto é, do conhecimento do outro por meio da informação dos eventos chamados de “carniça gostosa” e de “encrencas”. Reforça-se que,

se por um lado, cria-se o paradoxo do apetite pela carniça, por outro o justifica no nome do seu articulista, “Aurelinio Corvo”. Como corvo que é, a carne morta torna-se, então, como que um banquete, a comida preferida. Este orienta a leitura dos fatos, ocorrência que se torna nuclear, indicando os acontecimentos sobre os quais o povo deve interessar-se para refletir. Ocorre, portanto, uma posição diferente do que ocorre no posicionamento “antropófago” observado, por exemplo, no artigo “Carniça”, publicado na *Revista de Antropofagia*, em que Antônio de Alcântara Machado dá o nome de carniça à “epidemia positivista que assolou e ainda hoje assola o país”. Considerando que o positivismo empesta o ambiente, ele o repudia:

Não digo que se coma semelhante carne. É cousa que já a cozinha refugou, o cachorro não quis, os corvos não aceitaram protestando virar vegetarianos caso insistissem. Também deixar na dispensa envenenando as varejeiras não é possível.

Daí o melhor é por a carniça num tanque de creolina e recambia-la para a Europa.
(MACHADO In: *Revista de Antropofagia*, N. 1, p. 1, 1974).

Ao contrário da crítica ao positivismo, que o rejeita e toma-o por carniça, Aurelinio Corvo *prescreve* a carniça por ela representar os então sinais da decadência capitalista, zombando e revelando o deleite de ver triturados os seus males. Para Alcântara Machado, ler ou conhecer a “carniça do positivismo” não oferece nenhum proveito ao espírito; provoca, isso sim, apenas malefícios, envenenamento, a quem busca conhecimento na fonte comtiana (pessoas que ele chama de “varejeiras”). Para Aurelinio, o corvo, ao contrário, a carniça é gostosa e os fatos adversos relatados por ele têm a propriedade de fortalecer sua crítica a favor da doutrina comunista. Assim, por exemplo, ao comemorar o desemprego nos Estados Unidos, na verdade, comemora-se a mudança exigida pela ineficiência do sistema daquele país. Ao relatar os eventos absurdos como as conferências “pacifistas para aumento das armas”, ele aponta para a falta de coerência no pensamento e nas ações das grandes potências que mobilizam as congregações mundiais. No artigo “A carniça está gostosa”, portanto, ele aponta para a tendência de ruminar não apenas a possibilidade de mudança, mas o estado de “ebulição” em que o mundo se encontra, estado esse que antecede e exige a renovação.

Entre tudo o que expõe, a elaboração de Astrojildo Pereira, de um modo ou de outro, auxilia o projeto oswaldiano, ao qual agrega sentidos globais, acrescentando dados à organicidade do jornal fundado por Oswald de Andrade. Sua importância para o periódico, de apoio ao modernista, consiste não apenas na explicação do processo, dos interesses e do destinatário do jornal; mas, sobretudo, porque aglutina, em seu interior sentidos nucleares à sua macroestrutura. Ainda que a carniça seja o podre, o avesso da boa comida para o homem, constrói uma metáfora paralela, por

consistir em boa comida para o corvo. É como se estivesse a demonstrar o lado “corvo” do jornalismo, que protesta e escarnece enquanto deglute a carniça como revanche ao capitalismo. Nesse ponto, revela os diálogos que transitam entre os significados da boa matéria da antropofagia e o seu avesso, o podre. Quando aponta para a ruminação do conteúdo de tais notícias, liga-as aos estômagos saudáveis e aos dentes fortes do homem do povo, acostumados ao grosso.

Pode-se entender entre a ruminação de Aurelinio Corvo e a antropofagia oswaldiana um movimento de vai-e-vem, em que os pontos se aproximam na crítica que deglute, mas se distanciam no que diz respeito à matéria da deglutição. O jogo começa desde o sobrenome do pseudônimo “Aurelinio Corvo”. Na antropofagia compreende-se o processo de deglutição do outro, a fim de transformar e incorporar qualidades em favor próprio, para fortalecer-se. Aurelinio Corvo, por sua vez, numa dinâmica interseção entre analogias e diferenças dos sentidos antropofágicos, instrui sobre as encenças: “Tais notícias é que vale a pena a gente ler, refletir sobre elas, ruminar o seu conteúdo.” Instala-se o avesso da fina iguaria (a carniça), o que se torna fato distinto da antropofagia. Por outro lado, antropofagia e ruminação convergem em analogia, porque quem processa a carniça é um corvo, para o qual a carniça é o prato ideal. Assim, a imagem do corvo, evocada pelo sobrenome, justifica metaforicamente o agrado do paladar, atenuando a contradição. O lado humano acentua a diferença ao dizer que vale a pena refletir *sobre* as encenças (carniça). E, em vez de comê-las e incorporá-las, ao contrário, deve-se ruminá-las, ou seja, triturá-las, separando seus componentes, decompondo-os, entendendo-os. Nesse percurso mostra bem que a matéria serve para o crescimento, por indicar que, a partir não apenas de sua *observação*, mas da sua *ruminação*, pode-se evoluir. Essa possibilidade é que torna a matéria gostosa. E, em vez de rejeitá-la, como Antônio de Alcântara Machado faz com o positivismo, a questão é aproveitar as notícias dos insucessos. Entendendo melhor o imperialismo, a crítica pode, em sua busca, tripudiar com mais eficácia, aliando-se à finalidade de Oswald de Andrade. Abarca-se a metafórica antropofagia da leitura, lembrando a reflexão antropofágica oswaldiana, considerada por Benedito Nunes como “pedra de toque unificadora de todas as suas tentativas, de todos os seus caminhos percorridos” (NUNES, 1979, p. 55). O “apetite” do povo explicita a sua percepção de mundo do corvo.

Os termos da abordagem do trabalhador, nos quais se insere de modo nuclear o artigo *A carniça está gostosa*, rompem idealmente com a natureza opressora das relações gerais entre dominado e dominador do sistema capitalista, no âmbito do processo histórico e no momento em que se situa Oswald de Andrade. A leitura determinada envolve o gosto pelo conhecimento, a curiosidade (“notícias que estimulam o apetite de estômagos sólidos”), a interação e a reflexão. Enfim, envolve alcançar a politização transformadora, pois a carniça, como algo a ser ruminado

pelo povo, representa a experiência da qual o povo deve se aproveitar, apontando para a revolução. O sobrenome “Corvo” torna-se centro de significação, reforçado pelo fato de ligar-se ao mau agouro na credence popular. Com isso, possivelmente busque pelo menos incomodar, balançar a presunção de estabilidade. Nesse caso, o mau agouro é o prenúncio a toda boca da desgraça do poder capitalista, instalando a distinção entre a ruminação e a antropofagia, mas fortalecendo, alegoricamente, a face utópica pregada pelos discursos dos personagens oswaldianos.

Por sua vez, Oswald de Andrade, ao inserir a matéria ruim em seu discurso, vislumbra sua superação, como quando diz que do charco brotará o comunismo, contextualizando e motivando a expectativa alvissareira que se espera da ruína. Assim, a visão de ambos se aproxima por vislumbrar a derrocada do capitalismo, mas difere no ponto de vista com que expõem os fenômenos sociais. A tangência entre os dois artigos se dá entre a derrocada do capitalismo manifesta pelo festejo do Corvo diante das “encrencas do mundo”, e pela esperança apresentada por Oswald de Andrade. No referido artigo assinado por “Estalinho”, a representação metafórica do apocalipse (“derrocada desta sociedade enfermiça”, “podridão social”) equilibra-se pelo prelúdio de um mundo harmônico (“brotará o comunismo”), que virá heroicamente (“apesar de tudo, contra tudo!”). Nesse último fragmento, portanto, Oswald de Andrade, ao tomar como causa do apocalipse a podridão fatal do capitalismo agonizante e, como consequência, o comunismo vital que brotará, confirma sua cosmovisão metafórica e utópica, na hipérbole da virada. O artigo *Ideologia criminosa*, embora regule-se também de ruínas e derrotas, faz com que essas convertam-se em revanche e horizonte de mudança, pois que se aplica aos imperialistas, a partir de que Oswald de Andrade comemora a virada triunfal.

Nos demais artigos, notícias e editoriais também percebe-se uma linha ideal inscrita no ato da devoração, da busca ávida de conhecer para fortalecer-se, argumentar e protestar. A expressão, que reside entre o riso e a fúria, promove a expectativa do triunfo. Triunfo sobre a ignorância, triunfo sobre o poderio das potências mundiais, triunfo da alegria sobre a opressão, implicando numa grande metáfora em que o ato de comer alegre quem se farta. Assim a parceria com Astrojildo Pereira auxilia na instalação do clima e da atitude do jornal. A alegoria da renovação da essência vital de morte (do poder capitalista) e vida (do povo e do comunismo) implica também que, conforme explica Mikhail Bakhtin (1895-1975), “Tristeza e comida são incompatíveis (enquanto a morte e a comida são perfeitamente compatíveis)” (BAKHTIN, 2008, p. 247). Ao gritar aos quatro cantos as vantagens do socialismo, a Rússia é a mais fina guloseima. No grito contra o imperialismo, os massacrados pelos dentes do povo são principalmente a Inglaterra, a Alemanha e os Estados Unidos. Ao amaldiçoar o mundo imperialista, forja-se a mudança das identidades sociais

(domínio/dominado, elite/operário), por meio da ridicularização desses fatos, sistemas, pessoas e nações.

São várias as expressões que determinam para o mundo a iminência da ruína, nessa imagem hiperbólica que ameaça o capitalismo à derrocada. No editorial do número 4, “a ordem da ferradura”, Oswald de Andrade satiriza a vinda do príncipe, aproveitando para prenunciar a decadência e o desmoronamento da nação inglesa:

Antes, porém, que a Inglaterra se despedace e esfarelle e fique reduzida a um pharol de carvão sobre o mancha e desapareça sua canalha aristotocracica [sic] – cujas ladies já agora, conforme affirma Paul Morand, só se contentam com pretos e cujos lordes ambiguos são doces e burros como o herdeiro que nos visita – o Brasil teve a gloria de ouvir as mais anti-diplomáticas grosserias que um cerebro capitalista da Decadencia podia gerar. (ANDRADE, in: ANDRADE; GALVÃO, 1984, n. 4, p. 1)

Essa representação de virada imperativa justifica a metáfora de morte/vida, motivo que Aurelinio usa para saborear as encrencas. Pelos motivos expostos, no jornal *O Homem do Povo*, essa proposta de “devoração” do mundo pode encontrar sua mola propulsora na doutrina comunista, que Oswald de Andrade pincela com humor. As maldições à burguesia já forjam sua eliminação, e em seu centro ideal ergue o socialismo. Os sentidos que giram em torno dessa proposta de assimilação antropofágica destacada no estudo, não obstante, constituem até hoje matéria inacabada pela sua própria natureza. Mas é indiscutível que no jornal há como que um acordo tácito para compreensão de seus sentidos, seja na metáfora positiva da antropofagia, de assimilação cultural, de posicionamento crítico, de interesse (apetite); seja na sua configuração de oposição ao canibalismo, à gula irracional, que vem à superfície volta e meia. Observam-se, nesse movimento, os pontos críticos que Oswald de Andrade amplia e aos quais fornece novos acréscimos a partir do movimento que originou a *antropofagia*, legitimada pelo “Manifesto Antropófago” de 1928 (ANDRADE, 1975, p. 3, 7). A plurivalência das brenhas antropofágicas configura-se sob vários ângulos, sugestivos de estilo, de visão de mundo e de método, proposto e adotado pelo articulista, na medida em que se faz sentir na seleção lexical, na construção da alegoria da ruminação, na rebeldia contra o sistema, e no modo de conceber ideias e fatos. Como estilo, Benedito Nunes, na sua obra **Oswald Canibal**, dá a seguinte explicação sobre a antropofagia oswaldiana aliada ao seu ativismo político: “A rebeldia do homem natural, mito forjado pelo movimento antropofágico é a linha de pregação revolucionária do escritor convertido em “casaca de ferro” do proletariado” (NUNES, 1979, p. 51-52). Paralelo ao estilo de violência e zombaria no ataque verbal, o modo satírico de ver o mundo relaciona-se cooperativamente com o método antropofágico, e ocorre num

plano proposicional de crítica diante dos fatos. E enveredando por tendências filosóficas, culturais e políticas, associa-se sua intenção militante a essas tendências sintetizadas por ele em 1929: “O movimento que vitaliza o Brasil é o que chamei de Antropofagia”. Em *O Homem do Povo*, portanto, o funcionamento, a relação e os sentidos entre o espírito guiado pela via antropofágica, a subversão de Oswald de Andrade tornam-se atributos do embate político do modernista e do seu principal colaborador, Astrojildo Pereira, que acresce em alguma medida seu traço simbolicamente canibal distintivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Oswald; GALVÃO, Patrícia. **O Homem do Povo**: Março/Abril 1931. Edição Facsimilar. São Paulo: IMESP, 1984.

ANDRADE, Oswald. *A Crise da Filosofia Messiânica*. In: _____. **A Utopia Antropofágica**. São Paulo: Globo, 1995. (Obras completas de Oswald de Andrade), p.101-147.

_____. *A Psicologia Antropofágica*. In: BOAVENTURA, Maria Eugênia (org). **Os dentes do dragão: entrevistas**. São Paulo: Globo, 1990.

_____. **O Santeiro do Mangue e outros poemas**. São Paulo: Globo, 1991.

_____. *Manifesto antropófago*. In: **Revista de Antropofagia**, 1928-1929. Ed. fac-similar, São Paulo, Editora Abril, 1974, vol. 1, p. 7.

BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da UNB, 2008.

BOPP, Raul. **Vida e Morte em Antropofagia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

CAMPOS Augusto de. **Revista de Antropofagia**. In: Reedição da Revista Literária Publicada em São Paulo - 1ª e 2ª “Dentições”-1928-1929. Introdução e organização de Augusto de Campos. São Paulo: Abril/Metal Leve, 1975.

CHINA. *Assunto resolvido*. In: **Revista de Antropofagia**, 1928-1929. Ed. facsimilar, São Paulo, Editora Abril, 1974. Anno 1 – Numero 9, janeiro de 1929, p. 5.

DIAS, Antônio Gonçalves. *I-Juca-Pirama*. In: **Melhores poemas de Gonçalves Dias**. Seleção e introdução de José Carlos Garbuglio. São Paulo: Global, 2001, p. 100- 106.

FEIJÓ, Martin Cezar. **O revolucionário Cordial**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2001.

NUNES, Benedito. Prefácio. *A Antropofagia ao Alcance de todos. Antropofagia e Utopia*. In: ANDRADE, Oswald. **A Utopia Antropofágica**, 1995, p. 05-39.

_____. *Antropofagia e Utopia*. In: ANDRADE, Oswald. **A Utopia Antropofágica**. São Paulo: Globo, 1995. (Obras completas de Oswald de Andrade).

SCHOPENHAUER, Arthur. **A arte de escrever**. Tradução, organização, prefácio e notas de Pedro Sússekind. Porto Alegre: L&PM, 2009.